

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

“Gênero, corpo e comunicação das atenienses na *pólis*: uma trama aperfeiçoada”

Maria Angélica Rodrigues de Souza
Professora Mestre em História Comparada
PPGHC-IFCS-UFRJ

Resumo: Concebemos que por intermédio de linguagens específicas, as esposas dos cidadãos abastados atenienses, usavam do esquema tático para se comunicarem. Dessa forma, elas faziam circular informações da vida dos atenienses, sinalizando a integração não somente nos grupos que estavam inseridas no dia-a-dia, mas com a comunidade *poliade*.

Palavras-chave: Atenas Clássica, processos de comunicação femininos, gênero.

Abstract: We understand that using specific languages, the rich citizens' wives used a tactical way to communicate. So thus, these women interchanged informations about life, integrating not just in those groups they were inserted, but in the *pólis* itself.

Keywords: Athens Classical, female communication processes, gender.

Nosso estudo está inserido no cotidiano ateniense do Período Clássico. Nos domínios onde ocorriam maior evidência da participação das mulheres, na construção social do corpo enquanto veículo de comunicação e nas relações de gênero que permearam suas vidas. Concebemos, dessa forma, que através da linguagem das esposas dos cidadãos atenienses podemos verificar sua participação ativa na sociedade e que esta atuação diluía o modelo *mélissa*¹. Lançaremos mão, neste trabalho, da comédia de Aristófanes, *As mulheres que celebram as Thesmophórias*, do mito de Philomela e de pesquisadores contemporâneos que abordam o tema.

Ao buscarmos apreender as dimensões da linguagem das esposas dos cidadãos abastados atenienses, nos predispomos a considerar que, por intermédio da virtude do “não falar”, do silêncio que integrava o modelo ideal de esposa, as mulheres criaram outras maneiras de se comunicarem. Então, diante deste posicionamento, nosso trabalho priorizará a linguagem verbal, que acreditamos ser as palavras faladas e escritas e a linguagem não-verbal que se faz presente em várias manifestações humanas por intermédio das pinturas, da dança, da escultura, da caricatura e dos sinais.

De acordo com Neyde Theml, as sociedades são dotadas de meios de comunicação, e os veículos são notados tanto nas mais simples quanto nas complexas

¹ Este modelo está relacionado com a abelha (*mélissa*). Suas características são destacadas pelo filólogo Marcel Detienne: tipo de vida puro e casto, ou seja vida sexual bastante discreta, hostilidades aos odores, à sedução e a fidelidade conjugal (DETIENNE, 1976: 55 - 56).

sociedades, e que esses meios de comunicação não se restringem à fala e à escrita, mas estão também presentes no corpo e nos gestos, nas roupas, nos artefatos, nas imagens e nos monumentos (THEML, 2002: 11). Estes veículos de comunicação funcionavam como anunciadores da vida na *pólis*.

Incluso na discussão acerca dos veículos de comunicação Roy Porter em seu trabalho **História do Corpo** afirma que “Chegamos nus ao mundo, mas logo somos adornados não apenas com roupas, mas com a roupagem metafórica dos códigos morais, dos tabus, das proibições e dos sistemas de valores que unem a disciplina aos desejos, a polidez ao policiamento” (PORTER, 1992: 325). Percebemos que o corpo e as roupas funcionam como portadores de mensagens desde o nosso nascimento e que sofremos influências sociais que foram construídas ao longo dos tempos.

Tais induções foram legitimadas por intermédio dos discursos tradicionais dos médicos, filósofos e outros estudiosos. Já que estes, na antiguidade, atribuíram a subordinação das mulheres a sua condição biológica, inferior dentro do esquema da Criação. “Com sua natureza mais fria e mais fraca, e sua genitália contida internamente, as mulheres eram essencialmente equipadas para a criação de filhos, não para uma vida racional e ativa dentro do fórum cívico. As mulheres eram criaturas privadas, os homens eram públicos” (PORTER, 1992: 316). Pela dominação masculina e o que se entende por formas de justificar o discurso social, lidimava-se, assim entendemos, a subordinação feminina, ao mesmo tempo que se procurou neutralizar o feminino.

O corpo da mulher, para os médicos, era mais estranho do que o corpo privado de vida que eles não podiam dissecar. Aline Rousselle enfatiza que devido à união das mulheres ao se ajudarem nos momentos mais difíceis os médicos conheciam pouco sobre elas. As indicações sobre sua natureza, as doenças e sua esterilidade contidas no *Corpo Hipocrático* originam-se de confidências feitas por parteiras aos médicos ou pelas próprias mulheres. As mulheres, geralmente, examinam-se a si mesmas: quando estão com boa saúde ou quando estão se tratando. “Foi uma ciência das mulheres, baseada na observação, que os médicos do Corpo Hipocrático recolheram” (ROUSSELLE, 1984: 39).

Segundo, Aline Rousselle à partir da ignorância anatômica, da ignorância fisiológica e da fantasia o raciocínio lógico construiu uma ciência masculina do corpo feminino, unindo os dados recolhidos através dos depoimentos e uma ciência empírica pacientemente acumulada. Ela destaca a política que os homens exercem sobre o corpo feminino, uma política que se legitima por meio de uma reflexão médica. Uma política de dois homens o pai e o marido.

Os cidadãos gregos clássicos tentaram silenciar, anular as esposas que viveram na pólis, porém sustentamos que este objetivo não foi totalmente alcançado. As atenienses se apropriaram e desenvolveram outras formas de comunicação rompendo o esquematismo social. Hoje, segundo Richard Buxton, as pesquisas sobre as mulheres fazem com que saibamos mais sobre elas do que elas mesmas. Os homens tiveram uma atitude entre eles de não as nomear e torná-las uma realidade silenciosa. Segundo este mesmo autor, a *pólis* aparece sempre para frear a atuação feminina no espaço público (BUXTON, 1996: 131). Elas quando conseguiam, assim acreditamos, atuavam no espaço do “outro”, utilizando-se de táticas, subvertendo dessa forma a dominação masculina, pois de acordo com Michel de Certeau esta dominação “(...) pode ser subvertida, não rejeitando-a diretamente ou modificando-a, mas pela sua maneira de usá-la para fins e em função de referências estranhas ao sistema do qual não se podia fugir” (CERTEAU, 1999; 39).

Pierre Bourdieu abordando a construção social dos corpos enfatiza que a divisão entre os sexos está vinculada à normalidade, está “na ordem das coisas”. Ela se faz presente em todo o mundo social, nos corpos e nos hábitos dos agentes sociais. Dessa maneira, a divisão social entre os sexos tende a ser aceita de forma natural, evidente, ganhando, assim, validação. Compartilhamos com Bourdieu que esta é uma divisão pautada na oposição entre o masculino e o feminino e está inserida na divisão das coisas, nas atividades sexuais e outras (BOURDIEU, 1999; 16).

Pierre Bourdieu nos sinaliza que o corpo é composto pelo mundo social como uma realidade sexuada e que contém em si princípios de visão e divisão sexualizantes.

“Esse programa social de percepção incorporada aplica-se a todas as coisas do mundo e, antes de tudo, ao próprio corpo, em sua realidade biológica: ele é que constrói a diferença entre os sexos biológicos, conformando-a aos princípios de uma visão mítica do mundo, enraizada na relação arbitrária de dominação dos homens sobre as mulheres, ela mesma inscrita, com a divisão do trabalho, na realidade da ordem social” (BOURDIEU, 1999: 18 - 20).

Roy Porter destaca que o corpo não pode ser tratado simplesmente como biológico, chamando atenção para uma análise onde o corpo é mediado por sistemas de sinais culturais (PORTER, 1992: 308). O culto ao corpo está incluso na manutenção de uma determinada ordem. Ele reage dentro de aspectos sociais, culturais e outros.

Verificamos que, a trama aperfeiçoada de comunicações através do corpo, das roupas, dos gestos, das palavras, dos bordados e de outros, se estabelecia na medida em que as esposas atenienses usufruíam de espaços que eram eminentemente e socialmente das mulheres e portanto vivenciados por elas diariamente e também quando criavam espaços sociais que possibilitavam o diálogo, a troca de impressões e que contribuíam para a formação de sua

identidade. Nesses intercâmbios comunicacionais as relações de gênero se faziam presentes, já que o gênero rompe com o as determinações sexuais macho e fêmea, homens e mulheres e nos apresenta as variabilidades. Então, imersos neste leque de pluralidades que o gênero nos oferece, vamos perceber os ruídos dessas ligações.

Neste sentido, os estudos acerca das mulheres a partir da categoria gênero, nos possibilitam uma compreensão das relações entre os seres humanos sem estar vinculados diretamente à diferença biológica. É no decurso do estudo do cotidiano, das convivências entre os do gênero humano onde o entendimento da diferença sexual é concebida através da cultura e não do aspecto biológico que incluímos nosso estudo. A partir deste pressuposto almejamos conseguir respostas para nossas questões sobre a linguagem das mulheres atenienses.

Os estudos de Thomas Laqueur referentes ao corpo e gênero são relevantes em nosso trabalho, pois o autor afirma que, antes do século XVIII tínhamos o sexo único, onde as mulheres seriam uma versão inferior do homem, o que existia era o gênero². “Ser homem ou mulher era uma posição social, um lugar na sociedade, assumir um papel cultural, não ser organicamente um ou outro de dois incomensuráveis” (LAQUEUR, 2001: 19). Quanto às diferenças entre o corpo masculino e o corpo feminino, Pierre Bourdieu afirma que estas se tornaram valorosas para que se organizasse uma justificativa natural da desigualdade socialmente construída entre os gêneros (BOURDIEU, 1999: 20). Incluídos nesta visão entendemos que não existe nada que comprove que o homem é dominante e a mulher dominada, o que temos são construções sociais que ganharam autenticidade no decorrer de nossa existência.

Assim, expandindo nossos conhecimentos acerca dos estudos de gênero, partilhamos com os pesquisadores que o sexo está mais relacionado ao aspecto biológico – as diferenças entre machos e fêmeas, enquanto o gênero está associado à cultura – as variabilidades (TILLY, 1994: 42; YUVAL-DAVIS, 1997: 8-9). Louise Tilly afirma que “Ainda que definidas pelo sexo, as mulheres são algo mais do que uma categoria biológica; elas existem socialmente” (TILLY, 1994: 31).

Laqueur defende que a constituição do sexo único com suas versões concernentes a no mínimo dois gêneros foi efetuada na Antiguidade, objetivando valorizar a

² Segundo Roy Porter, Thomas Laqueur afirmou que a conceituação médica referente à natureza da mulher foi posta em xeque no século dezoito. “O sexo feminino deixou de ser visto literalmente como uma versão inferior do masculino, tornando-se, em vez disso, encarado como essencialmente diferente mas complementar” (PORTER, 1992: 316-317).

afirmação cultural do patriarcado (LAQUEUR, 2001: 30). Então, em busca de novos testemunhos sobre as mulheres, se procurou rever as imagens, dar visibilidade às mulheres. Por intermédio desses estudos, novas histórias emergiram, falas foram recuperadas (MATOS, 2000: 7).

Segundo Bridget Hill, a História tem sido monopólio dos homens, visto que eles detinham o poder de decisão sobre as informações que poderiam chegar até nós, ou seja, as que deveriam ser registradas e investigadas (HILL, 1996: 6). Apesar desta constatação os registros das peças teatrais que chegaram até nós se constituem em valiosos documentos de nosso estudo.

O teatro antigo, nos fornece informações concernentes à linguagem feminina, também quanto às relações de gênero existentes na antiguidade e a construção dos corpos enquanto canais condutores de mensagens. Compartilhamos com os pesquisadores que abordam o tema teatro quando eles afirmam que a sociedade se faz representar nas peças teatrais, que através delas analisam e levantam questões do seu próprio cotidiano e refletem sobre ele. Para Redfield, um tema que os trágicos e os comediógrafos lançam mão é a ameaça do poder feminino, um perigo de que os cidadãos percam o controle sobre as mulheres. “Quer em sentido trágico quer em sentido cômico, o poder feminino é sempre tratado como uma perturbação da ordem natural das coisas, provocada ao mesmo tempo pela loucura e pela fraqueza dos homens” (REDFIELD, 1994: 153).

Quanto ao gênero cômico, utilizaremos a obra de Aristófanes, por acreditarmos que esta contenha maiores informações sobre a vida cotidiana da sociedade por nós estudada. Segundo Jean-Mar Defays o cômico objetiva fazer rir. Assim rir é prazer, é transgressão, é subversão. Rir não é um fim em si, mas um meio de comunicação (DEFAYS, 1996: 6). Aristófanes parte do cotidiano e o apresenta diferentemente na representação cênica com o intuito de obter o riso, pois este é cultural e também propõe diversas possibilidades de leituras do dia-a-dia ateniense.

Na peça de Aristófanes, *As mulheres que celebram as Thesmophórias*, especialmente, nos deparamos com esta diversidade no que diz respeito à comunicação, as relações de gênero e ao corpo enquanto anunciador de um discurso. Por intermédio de suas personagens o comediógrafo diversas vezes enfatiza a fala feminina euforizando-a, ou seja, atribuindo elogios após a falação de uma das personagens como podemos verificar nos seguintes versos da obra: “Nunca ouvi mulher mais engenhosa do que esta, nem mais hábil a falar. Tudo que ela diz é justo. Examinou todos os aspectos da questão, ponderou tudo e, com inteligência, soube encontrar argumentos sutis, bem arquitetados” (ARISTÓFANES. *As*

mulheres que celebram as Thesmophórias. vv. 435-440). A festa, era um momento em que as esposas possuíam liberdade de expressão, onde tinham a oportunidade de dialogar livremente e trocar impressões, já que era um ritual onde só as mulheres participavam, no caso do festival das *Thesmophórias*.

Além dos momentos de fala, comprovamos que na comédia há uma preocupação com o registro³ e temos espaços que tratam da união das mulheres com outras mulheres e com o que o autor considera como afeminado. No que diz respeito à união entre as mulheres, o comediógrafo nos remete a uma situação interessante, através da personagem do Parente de Eurípidés quando este está disfarçado de mulher. Neste momento, seu discurso é de mulher e ele lança mão justamente da união entre as mulheres para se aproximar delas e defender seu genro⁴.

Examinando ainda a obra, confirmamos que o autor por intermédio da personagem Clístenes⁵ destaca a união das mulheres com afeminados: “Mulheres, minhas caras amigas, parentes minhas por afinidades de costumes, que sou vosso amigo, logo se vê na cara. Sou doído por mulheres, sempre fui o vosso protector” (ARISTÓFANES. *As mulheres que celebram as Thesmophórias*. vv. 574-576). O comediógrafo aborda a aproximação dos homens que possuem características femininas, ou seja, que são dotados de virtudes femininas que foram nomeadas pela sociedade ateniense, com mulheres. Estes versos nos informam claramente que na sociedade masculinizada ateniense tínhamos costumes masculinos e femininos. E que, no caso observado, os homens que apresentavam características femininas como Clístenes eram considerados afeminados por aquela comunidade.

Aristófanes, no início desta comédia, trata a construção do corpo enquanto anunciador de uma mensagem. Primeiro ao tentar através da personagem de Eurípidés convencer um poeta, Ágaton, a se disfarçar de mulher e discursar à seu favor no festival: “Para tomar parte na discussão, no meio das mulheres, e, se for preciso, dizer uma palavra em meu favor” (ARISTÓFANES. *As mulheres que celebram as Thesmophórias*. v. 90). Ágaton

³ Primeira Mulher

“Era isto que eu queria dizer publicamente. O resto vou escrevê-lo aqui com a secretária” (ARISTÓFANES. *As mulheres que celebram as Thesmophórias*. vv. 433-435).

⁴ Parente

“No entanto, temos de trocar impressões umas com as outras. Estamos sós, nem uma palavra sai daqui” (ARISTÓFANES. *As mulheres que celebram as Thesmophórias*. vv. 471-473).

⁵ “Clístenes é um afeminado largamente parodiado por Aristófanes” (ARISTÓFANES. *As mulheres que celebram as Thesmophórias*. nota 41).

não concorda em se vestir de mulher, mas deixa-nos uma mensagem relevante ao afirmar que: “É preciso que o poeta atue de acordo com as suas peças, que lhes adapte o seu tipo de vida. Por exemplo, se fazem peças com mulheres, é preciso que o corpo participe desta natureza” (ARISTÓFANES. *As mulheres que celebram as Thesmophórias*. vv. 150-152), compreendemos que o corpo do poeta, neste caso, estará levando uma mensagem e para que a comunicação se estabeleça se faz necessário a aproximação com as características da personagem.

Ágaton não aceita o pedido de Eurípides, mas o cunhado de Eurípides se dispõe a disfarçar-se de mulher e cumprir o planejado. Diante da oferta, partem para a caracterização da personagem do Parente com atributos femininos, para que ele se tornasse apto a integrar o grupo de mulheres que participariam das *Thesmophórias* e se pronunciar à favor de seu genro. Este momento, registrado em alguns versos, é de grande importância já que Aristófanes decompõe a preparação do corpo do Parente desde o início até o fim.

Assim, através dos versos, temos a composição do corpo que vai ser o suporte físico da mensagem desde quando este se depila, faz a barba para que sua pele fique macia, sem pêlos, para que se aproxime do corpo feminino ateniense: “Bom, já que se pões à minha disposição, tira essa roupa. Já está no chão. Mas o que é que tu me vais fazer? Fazer-te a barba aqui e queimar-te por baixo” (ARISTÓFANES. *As mulheres que celebram as Thesmophórias*. vv. 214-216). Quanto às roupas o autor lança mão de várias peças femininas para compor a personagem do Parente. Na comédia tais roupas são conseguidas por intermédio de empréstimo com o poeta, “Ágaton, já que não estás disposto a prestares tu próprio a esse papel, ao menos empresta-nos um manto e um corpete, para este tipo vestir. Não me vais dizer que não tens” (ARISTÓFANES. *As mulheres que celebram as Thesmophórias*. vv. 249-251).

São utilizadas várias peças do vestuário feminino ateniense como manto, corpete, túnica, redinha, turbante e capa. Ele finaliza a constituição da seguinte maneira: “Cá temos o nosso homem com ar de mulher. Se falares, dá à voz um tom bem feminino, que convença” (ARISTÓFANES. *As mulheres que celebram as Thesmophórias*. vv. 266-268). Dessa forma, a comédia, nos permite analisar o corpo e as roupas enquanto veículos de comunicação na sociedade ateniense, pois quando escolhemos uma roupa são discursos que estão se materializando. Acreditamos que tais obras não objetivavam apenas levar ao riso, mas também anunciar uma mensagem aos espectadores.

Contidos nesta discussão acerca da extensão da comunicação feminina nos voltaremos, neste momento, para o mito de Philomela que nos oferece indícios da

comunicação não-verbal. Defendemos que os mitos faziam parte da sociedade dos atenienses, das peças teatrais antigas, principalmente das tragédias. Assim a tragédia e o teatro fazem emergir uma forma de divulgar e criticar os valores da *pólis* e os democráticos. Visto que é no teatro que os mitos são reinterpretados e apresentados em várias versões para o público. E não é qualquer público, mas aquele que tem a necessidade de ouvir e ver (THEML, 2002: 14). De acordo com Marc Augé as mitologias estão ligadas as origens, porém lança-se mão de tais mitos explorando-os e reimaginando-os para responder as questões do presente. “A mitologia é apenas uma parte da cultura. Mas essa parte resiste bem” (AUGÉ, 1998: 26-27).

Nesse sentido, no mito os meios de comunicação se fazem presentes. De acordo com ele, Philomela era irmã de Prócne e cunhada de Tereu, rei da Trácia. Philomela acaba por ser violentada por Tereu, seu cunhado. Este, para que a violação não fosse revelada, corta a língua de Philomela. Resta-lhe, então, a arte de tecer e bordar para narrar à sua irmã o que havia acontecido. Ela tece um tapete com a narrativa do ocorrido. Prócne – como forma de punição, visto que Tereu havia transgredido uma das regras de relações de intimidade entre os que viviam no interior do *oikos* – mata o próprio filho, cozinha e oferece a carne como refeição ao marido. Temos o conhecimento pelo mito que as mulheres utilizavam os recursos de sua esfera como maneiras de comunicação e, dentre elas, está a tecelagem como uma linguagem que era decodificada pelos diversos grupos de mulheres (BUXTON, 1996: 141; BRANDÃO, 2000: vol. II, 41 e vol. III, 150 e 236; LESSA, 2001: 69-70). Entendemos que as mulheres lançavam mão de seus atributos domésticos para se comunicarem.

Concluimos, que as relações de gênero permeavam o dia-a-dia ateniense e foram registradas, como verificamos, nos documentos antigos. Concebemos também que o corpo na sociedade ateniense era um canal, ou seja, um veículo que transporta uma mensagem e que as interações culturais entre os seres humanos da antiguidade contribuíram significativamente para que as informações compartilhadas pelas esposas *bem-nascidas* ultrapassassem os espaços sociais compartilhados por elas e se apresentassem na dinâmica da *koinonía*.

Bibliografia

1. Documentação textual

ARISTÓFANES. **As mulheres que celebram as Tesmofórias**. Coimbra: INIC, 1988.

2. Dicionário

BRANDÃO, J. S. **Mitologia Grega**. Petrópolis: Vozes, 2000, 3 volumes.

3. Bibliografia Instrumental e Específica

- AUGÉ, Marc. **A guerra dos sonhos: exercícios de etnoficção**. Trad. Maria L. Pereira. Campinas, SP: Papirus, 1998.
- BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1999.
- BUXTON, R. **La Grèce de l'Imaginaire, les contextes de la Mythologies**. Paris: Edition la Découverte, 1996.
- CERTEAU, M. de **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Trad. E. Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1999.
- DEFAYS, Jean-Mar. **Le comique**. Paris: Seuil, 1996.
- DETIENNE, M. *O Mito: Orfeu no Mel*. IN: LE GOFF, J. & NORA, P. **História: Novos Objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- FOXHALL, Lin. *Women's ritual and men's work in ancient Athen*. IN: HAWLEY, R. & LEVICK, B. **Women in Antiquity: New Assessments**. London and New York: Routledge, 1995.
- HILL, B. *Mulheres, História e Revolução*. IN: **Varia História**. Belo Horizonte: UFMG, 1996, n° 15.
- LAQUEUR, T. **Inventando o Sexo. Corpo e Gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.
- LESSA, F. S. **Mélissa Tecendo Redes Sociais entre os Atenienses (séculos V e IV a. C.)**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2001.
- LEWIS, S. **News and Society in the Greek Pólis**. London: Chapel Hill, 1996.
- MATOS, M. I. S. de. **Por uma História da Mulher**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2000.
- PORTER, R. *História do Corpo*. IN: BURKE, P. (Org.) **A Escrita da História. Novas Perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992, pp. 291-326.
- REDFIELD, J. *Fontes: a presença de uma ausência*. IN: VERNANT, J-P. (org) **O Homem Grego**. Trad. Maria J. V. de Figueiredo. Lisboa: Presença, 1994.
- ROUSSELLE, A. **Pornéia. Sexualidade e amor no mundo antigo**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- SENNETT, R. **Carne e Pedra**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1997.
- THEML, N. (Coord.) **Linguagens e formas de poder na antiguidade**. Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad. 2002.
- TILLY, Louise A. *Gênero, História das Mulheres e História Social*. IN: **Cadernos de Pagu: desacordos, desamores e diferenças**. Campinas: PAGU/UNICAMP, 1994, v.3.
- YUVAL-DAVIS, N. **Gender & Nation**. London: SAGE Publications, 1997.

